

# A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS

Carlos Jeremias Klein\*

*Seis dias depois, Jesus tomou consigo a Pedro, Tiago e João, e os levou, sozinhos, para um lugar retirado num alto monte. Ali foi transfigurado diante deles. Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, de uma alvura tal como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar. E lhes apareceram Elias com Moisés, conversando com Jesus. Pedro, tomando a palavra, diz a Jesus: Rabi, é bom estarmos aqui. Façamos, pois, três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias. Ora, não sabiam o que dizer, porque estavam atemorizados. E uma nuvem desceu, cobrindo-os com a sua sombra. E uma voz, que saiu da nuvem, disse: “Este é o meu Filho amado, ouvi-o”. E, de repente, olhando ao redor, não viram mais ninguém: Jesus estava sozinho com eles (Mc 9,2-8).*

A narrativa da transfiguração de Jesus, em um alto monte, com a presença do grupo íntimo de seus discípulos, aparece em todos os Evangelhos Sinóticos (Mc 9,2-8; Mt 17,1-8; Lc 9,28-36). Em todas elas, o texto é precedido pela Confissão de Pedro, à qual se seguem o primeiro anúncio da paixão e as condições para seguir a Jesus (Mc 8,27-9,2; Mt 16,13-27; Lc 9,18-27). O relato menciona a aparição de dois personagens do Antigo Testamento, Moisés e Elias. Marcos e Mateus situam a transfiguração “seis dias depois” (Mc 9,1; Mt 17,1), enquanto Lucas “mais ou menos oito dias depois destas palavras” (9,23).

## **1. Notas sobre os textos dos sinóticos**

“Seis dias depois, tomou consigo a Pedro, Tiago e João” (2a). Os três discípulos escolhidos são aqueles que testemunharão sua agonia (2Pd 1,16-18; Mc 14,33, cf. 5,37). As narrativas da Confissão de Pedro e Transfiguração de Jesus interligam estes eventos temporalmente. Enquanto Marcos e Mateus (17,1) referem-se a seis dias depois (da Confissão), para Lucas a Transfiguração ocorre cerca de oito dias depois (Lc 9,28). É interessante notar que nas narrativas da Confissão de Pedro segue-se primeiro o anúncio da Paixão, e na da Transfiguração de Jesus, segundo Lucas, Moisés e Elias conversam com Jesus sobre seu “êxodo”, ou seja, morte, que iria acontecer em Jerusalém.

\* Professor de História da Igreja e do Pensamento Cristão no Centro Universitário Filadélfia de Londrina (Unifil) e no Seminário Teológico Rev. Antonio de Godoy Sobrinho, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

“E os levou, sozinhos, para um lugar retirado, num alto monte” (2b). O texto lembra as teofanias a Moisés e Elias no(s) monte(s) Sinai-Horeb (Ex 19,9-24; 24,2-18; 34,2-8; 1Rs 19,8-18).

“Ali foi transfigurado diante deles” (2c). Mateus narra: “o seu rosto resplandecia como o sol” (Mt 17,2). A transfiguração de Jesus num “alto monte” ou no “monte santo” (2Pd 1,18) lembra a cena de Moisés ao descer do Monte Sinai. Ao descer do monte, o rosto de Moisés resplandecia, depois de haver Deus falado com ele (Ex 34,29), ao ponto de Aarão e os filhos de Israel temerem chegar-se a ele (Ex 34,29-30). Assim, Moisés, como mediador entre Deus e o povo, cobria o rosto com um véu para falar com o povo, retirando-o quando entrava na presença do Senhor, que lhe falava (Ex 34,33-35). O brilho do rosto de Moisés refletia a glória de Deus que ele desejava ver (Ex 33,18).

“Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas” (v. 3). Marcos acentua o caráter epifânico ao afirmar que “nenhum lavandeirola *na terra* as poderia alvejar” (v. 3). No texto de Lucas consta que suas vestes resplandeceram de brancura (Lc 9,29) e no de Mateus que “suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mt 17,2). Esse relato prenuncia as cristofanias e angelofanias da ressurreição, anunciadas por dois varões com vestes resplandecentes (Mt 28,2-3; Lc 24,4).

“Apareceram Elias com Moisés, conversando com Jesus” (v. 4). Moisés e Elias representam “a lei e os profetas” que Jesus vem levar ao cumprimento (Lc 24,27,44; ver também Dt 18,15 e Ml 5,6). Somente em Lucas (9,31) se narra o conteúdo da conversa de Jesus com Moisés e Elias: “e falavam de sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém”. Literalmente, seu *êxodo*, a passagem de Jesus pela Morte, Ressurreição e Ascensão (Lc 24,50-53), recordando o êxodo do Antigo Testamento.

“É bom estarmos aqui. Façamos, pois, três tendas” (v. 5). A glória de Jesus deixa os discípulos atemorizados (v. 6) e Pedro sugere a fabricação de três tendas, para Jesus e para Moisés e Elias.

“E uma voz, que saiu da nuvem, disse: ‘Este é o meu Filho amado, ouvi-o’” (v. 7). A nuvem está sempre presente nas teofanias do Antigo Testamento. A nuvem sagrada, “a *Shekiná*, é a presença do próprio Deus... Jesus é a tenda sagrada, sobre a qual está a nuvem da presença de Deus, e a partir daí ‘cobre os outros com a sua sombra’<sup>1</sup>. “A palavra que ressoa sobre o novo Sinai revela que uma ‘Lei nova irá tomar o lugar da Lei dada outrora; essa palavra evoca três oráculos do Antigo Testamento: ao Messias e sua filiação divina (Sl 2,7), outro que concerne ao ‘Eleito’ (Is 42,1), o terceiro em que é anunciado um novo Moisés (cf. Jo 1,17s): ‘Javé suscitará um outro profeta... a ele deveis ouvir’. Ouvi-lo é, com efeito, ouvir o Verbo feito carne, em quem o crente vê a glória de Deus” (cf. Jo 1,14)<sup>2</sup>.

1. Ratzinger, Joseph – Bento XVI. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 269.

2. Paul de Surgy. “Transfiguração”, in *Vocabulário de Teologia Bíblica* (Org. Léon-Dufour, Xavier). Petrópolis: Vozes, 1987, p. 1041.

## 2. Algumas interpretações bíblico-teológicas

Ched Myers observa que, em nível de intertextualidade, Moisés e Elias “representam os que, como os discípulos nesse momento, testemunharam a epifania de Javé em uma montanha, em períodos cruciais de desânimo em sua missão” e, em nível da narrativa de Marcos, os personagens “dão credibilidade aos ensinamentos que Jesus acaba de transmitir; a cruz situa-se agora ao lado da ‘lei e dos profetas’”<sup>3</sup>.

H. Gese interpreta os textos da transfiguração à luz do capítulo 24 de Êxodo, no contexto da Aliança do Sinai, onde também aparecem os seis dias: “Depois Moisés subiu a montanha. A nuvem cobriu a montanha. A glória de Javé pousou sobre o Monte Sinai, e a nuvem o cobriu durante seis dias” (Ex 24,15-16a).

H. Baltensweiler sugeriu que a transfiguração de Jesus deve ser uma revelação divina ao próprio Jesus, dissuadindo-o de conceber sua missão messiânica como de caráter político. Esta interpretação não pode ser fundamentada nos sinóticos, para os quais o evento, pelo menos em primeira linha, se deu por causa dos três apóstolos “que estavam presentes, sendo-lhes manifestada por meio de visão e audição a dignidade oculta do Senhor”<sup>4</sup>.

J. Blinzler destaca o conteúdo central da narrativa como a *vox interpretativa* de Mc 9,7, vinda da nuvem, ou seja, de Deus, e dirigida aos discípulos: “Esta voz, aludindo ao Salmo 2, declara a Jesus como Filho amado (= único) de Deus, isto é, como o Messias, e constitui, assim, a confirmação divina da confissão de Pedro em Mc 8,29; por isso, a indicação temporal de 9,2 deveria referir-se a esta, pelo menos originariamente”<sup>5</sup>. Blinzler acrescenta que a segunda parte da voz, “a Ele ouvi”, declara indiretamente Jesus como o profeta escatológico prometido em Dt 18,15. A revelação que Pedro, Tiago e João recebem significa que o fato de Jesus ser Servo, trilhar o caminho da paixão e não da glória do rei como se esperava, “nada modifica no que diz respeito ser ele o filho messiânico de Deus, do Sl 2,7, o profeta escatológico prometido e o mestre de Dt 18,5, o Filho do Homem revestido da glória celestial de Dn 7,13”<sup>6</sup>.

O Papa Bento XVI destaca a conexão entre as narrativas da Confissão de Pedro e da Transfiguração e a Paixão, nos sinóticos, bem o tema da cruz e da glória no Evangelho de S. João: “A divindade de Jesus está relacionada com a cruz; é somente nessa relação que conhecemos Jesus devidamente. S. João traduziu este íntimo entrelaçamento da cruz e da glória ao dizer que a cruz é a ‘elevação’ de Jesus, e que a sua elevação não se realiza de outro modo senão pela cruz”<sup>7</sup>.

3. Myers, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 304.

4. Blinzler, J. “Transfiguração”, in *Dicionário de Teologia Bíblica*. Vol. 2 (org. Johannes B. Bauer). São Paulo: Loyola, 1988, p. 1123.

5. *Ibidem*, p. 1124.

6. *Ibidem*, p. 1125.

7. Ratzinger, Joseph – Bento XVI. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007, p. 261.

### 3. Transfiguração e liturgia

#### a) *A Festa dos Tabernáculos*

Segundo alguns autores, como J.M. Van Cangh e M. Van Esbroek, a confissão de Pedro e a Transfiguração relacionam-se, respectivamente, com duas festas judaicas do outono, o Yom Kippur, o dia do Perdão, e depois de seis dias, durante uma semana, a Festa dos Tabernáculos (Sukkot). Para Jean Daniélou, porém, os seis dias de Mc e Mt ou “cerca de oito dias” de Lc referem-se tão-somente à duração da Festa dos Tabernáculos, que durava uma semana, “a transfiguração de Jesus teria conseqüentemente acontecido no último dia desta festa, que era ao mesmo tempo o seu ponto mais elevado e sua síntese”<sup>8</sup>.

O Papa Bento XVI lembra que as festas judaicas comportam três dimensões. Inicialmente, são celebrações da religião da natureza (Criador e criatura), “depois memoriais da ação salvífica de Deus na história; e, finalmente, a partir daqui, são festas de esperança, que vão ao encontro do Senhor que há de vir, no qual termina a ação histórico-salvífica de Deus e ao mesmo tempo se torna reconciliação com toda a criação”<sup>9</sup>.

#### b) *Liturgias cristãs orientais*

A teologia e liturgia das Igrejas Orientais, a Ortodoxa e as não-calcedonianas, enfatizam mais a glória de Deus e da Criação do que o pecado e suas conseqüências. Assim, a mesma Igreja, em Jerusalém, é denominada pelos latinos “Basílica do Santo Sepulcro” e pelos ortodoxos “Basílica da Ressurreição”.

A Apolisis (encerramento da Liturgia) na “Divina Liturgia de S. João Crisóstomo”, da Igreja Ortodoxa, reza: “Glória a Ti, ó Cristo Deus, esperança nossa, glória a Ti. Ó Cristo, nosso Deus Verdadeiro, que te transfiguraste sobre o Monte Tabor”<sup>10</sup>.

No Prefácio da Oração Eucarística em Rito Armênio, o Filho é apresentado como “aquele diante do qual não se atreviam a permanecer os exércitos de anjos, espantados pela luz resplandecente e inacessível da divindade, o mesmo ao fazer-se homem pela nossa salvação, nos associou aos coros celestiais para entoar o hino angelical”<sup>11</sup>.

### 4. Algumas considerações finais

Phillip Potter, ex-Secretário-Geral do Conselho Mundial de Igrejas, conta que no dia 6 de agosto de 1945 participava com outros estudantes de um acampamento de trabalho na Jamaica. No momento de oração houve a leitura da perícopes da Transfiguração, em Mateus, e o texto lhes pareceu um tanto estranho. Ao final do trabalho do

8. Daniélou, Jean. *Liturgie und Bibel*, Munchen, 1963. Apud Ratzinger, J., Op. cit., p. 261.

9. Ratzinger, Joseph – Bento XVI. Op. cit., p. 262.

10. *A Divina Liturgia de São João Crisóstomo*. Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Antioquina no Brasil. São Paulo, 2000, p. 50.

11. *Missa cantada em Rito Armênio*. Exarcado Apostólico Armênio para a América do Sul. São Paulo, 2001.

dia, ao regressarem ao acampamento, ouviu-se a notícia pelo rádio: “Havia sido lançada uma bomba sobre a cidade de Hiroshima. Foi uma luz ofuscante que gerou uma nuvem enorme; mas o resultado foi uma destruição generalizada, cujo verdadeiro alcance só soubemos muito mais tarde. Fiz uma associação entre a brilhante luz destruidora e as nuvens de Hiroshima com a história de Jesus e seus três discípulos no monte”<sup>12</sup>. Décadas depois, em 1984, Potter, ao pregar na Sexta Assembleia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, em Vancouver, lembra o fato e acrescenta: “Que estranho que o presidente dos Estados Unidos e seus assessores tenham tomado tal decisão política e militar de lançar uma bomba sobre Hiroshima e depois uma sobre Nagasaki, no dia em que os cristãos comemoravam o acontecimento da Transfiguração de Cristo. Será que perceberam, ele e seus colegas, essa coincidência? Suponho que não”<sup>13</sup>. Então ele conclui: “A visão de Cristo transfigurado é nossa transfiguração, para que nos seja possível responder, com clareza e valor, ao chamado que nos dirige aos bem-aventurados que têm fome e sede de justiça e aos pacificadores”<sup>14</sup>.

A interpretação da Transfiguração de Jesus relacionando-a com a festa dos tabernáculos comporta uma dimensão escatológica: As tendas eram consideradas “não apenas recordação da divina proteção no deserto, mas também antecipada representação da divina *sukkot* (tendas), na qual habitariam os redimidos do tempo do mundo futuro”<sup>15</sup>. Pode-se compreender, então, que com a experiência da transfiguração simboliza o tempo messiânico. Ratzinger observa que “Só na descida do monte é que Pedro deverá entender que o tempo messiânico é, antes de mais nada, tempo da cruz, e que a transfiguração – o tornar-se luz a partir do Senhor e com Ele – inclui o nosso ser queimado pela luz da paixão”<sup>16</sup>.

### Referências bibliográficas

BIBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BLINZLER, J. “Transfiguração”, in *Dicionário de Teologia Bíblica* (org. J.B. Bauer). São Paulo: Loyola, 1988.

DIVINA LITURGIA DE SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. São Paulo: Igreja Católica Apostólica Ortodoxa Antioquina no Brasil, 2000.

GESE, H. *Zur biblischen Theologie*. Munchen, 1977.

DANIÉLOU, J. *Liturgie und Bibel*. Munchen, 1963.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

12. Potter, Phillip. “Transfiguração”, in *Jesus Cristo é a vida do mundo*. Rio de Janeiro: CEDI, 1984, p. 42.

13. Ibidem, p. 42-43. No calendário litúrgico da Igreja Ortodoxa a “Santa Transfiguração” é comemorada no dia 6 de agosto.

14. Ibidem, p. 47.

15. Riesenfeld, apud Daniélou. *Liturgie und Bibel*. Munchen, 1963, p. 337.

16. Ratzinger, Joseph, Op. cit., p. 268.

MISSA CANTADA EM RITO ARMÊNIO. São Paulo: Exarcado Apostólico Armênio para a América do Sul, 2001.

POTTER, Phillip. “Transfiguração”, in *Jesus Cristo é a vida do mundo*. Rio de Janeiro: CEDI, 1984.

RATZINGER, Joseph – Bento XVI. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

SANTA MISSA EM RITO ARMÊNIO. São Paulo: Igreja Apostólica Armênia do Brasil, 1999.

SURGY, Paul de. “Transfiguração”, in *Vocabulário de Teologia Bíblica* (org. Leon-Dufour, Xavier). Petrópolis: Vozes, 1987.

*Carlos Jeremias Klein*  
Rua Garibaldi Deliberador, 216 – Ap. 21  
86050-280 Londrina, PR  
Tel.: (43)3339-0077  
cjk\_lond@yahoo.com.br